

---

## EDITORIAL

---

### EDITORIAL

[10.29073/heranca.v6i1.724](https://doi.org/10.29073/heranca.v6i1.724)

**Isabel Cruz Lousada**  - Editora-Chefe<sup>a</sup>

<sup>a</sup> Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva, NOVA FCSH; [isabel.lousada@fcs.unl.pt](mailto:isabel.lousada@fcs.unl.pt)

**Gabriele Salciute Civiliene**  - Editora-Convidada<sup>b</sup>

<sup>b</sup> Professora Sénior em Humanidades Digitais (Departamento de Humanidades Digitais), King's College; [gabriele.salciute-civiliene@kcl.ac.uk](mailto:gabriele.salciute-civiliene@kcl.ac.uk)

**Kristen Schuster**  - Editora-Convidada<sup>c</sup>

<sup>c</sup> Professora em Curadoria Digital (Departamento de Humanidades Digitais), King's College; [kristen.schuster@kcl.ac.uk](mailto:kristen.schuster@kcl.ac.uk)

---

## PREÂMBULO-EDITORIAL

---

*What's in a name? That which we call a rose*

*By any other word would smell as sweet.*

*(Shakespeare, Romeo and Juliet)*

*The fault, dear Brutus, is not in our stars,*

*But in ourselves*

*(Shakespeare, Julius Caesar)*

Lisboa, 8 de Março

**C**om este número especial abrimos o ano de 2023 no que diz respeito à publicação da nossa *Herança, revista de História, Património e Cultura*.

Estamos também no mês de Março na generalidade associado à celebração do Dia Internacional da Mulher - 8 de Março - em virtude de nos últimos tempos se terem vindo a multiplicar as iniciativas que dele se ocupam até ao fim do mês. É assinalável pois, até pela proliferação de manifestações que evocam causas que são simultaneamente ligadas às Mulheres e aos Direitos Humanos, em especial às questões das desigualdades e da/s violência/s que urge deter.

Tempos difíceis os que correm, sabemos, porém sempre mais difíceis para as/os mais vulneráveis entre os quais se encontram invariavelmente, e em maior número, as mulheres, mais ainda quanto maiores forem as assimetrias salariais, étnicas, e outras, acentuando a multiplicidade das discriminações. Os dados evidenciados pelas estatísticas falam alto, mas as formas de combate premente perante esses indicadores tardam, ou não são suficientes. Razão bastante diríamos para com mais persistência procurar alertar, sensibilizar, concertar esforços, para que cada vez mais se vá deixando claro que o caminho da violência, da intolerância e da desumanização não é o que nos serve e, menos ainda, aquele que desejamos.

Dada a natureza deste número ousamos sugerir uma consulta à página que revela uma série de bravas mulheres que se bateram por defesa de causa justa simbolicamente denunciando e reclamando:

[Celebrating Women in Restitution | Christie's \(christies.com\)](#)

Várias são as interpretações do modo como proceder para enfrentar e erradicar estereótipos, más práticas, porém, no espaço que aqui nos é permitido, avançamos pela positiva e sugerimos a leitura do artigo [Why do we still define female artists as wives, friends and muses? | Katy Hessel | The Guardian](#) e damos visibilidade ao facto de pela primeira vez trazermos à luz um número coordenado por duas mulheres, editoras de um número especial, que o é por variados motivos.

Em rigor, por ser, na verdade, o primeiro. Ainda que antevejamoss possam vir muitos outros a caminho...

Especial, por procurar ampliar a via da internacionalização, como parte da nossa visão estratégica, sendo o primeiro número inteiramente bilingue, de que nos orgulhamos.

Especial, também, porque resulta de uma chamada em torno de um tópico escolhido para o efeito pelas editoras convidadas, a quem muito agradecemos terem aceitado o repto - Gabriele Salciute Civiliene e Kristen Schuster, do Departamento de Humanidades Digitais do King's College, Londres, em conjunto com a equipa da Herança e da Ponteditora – ou seja, alcançando uma via conciliatória entre áreas científicas que se articulam no domínio da interdisciplinaridade com as SSH e as STEM debaixo do título: «Interdisciplinary Perspectives on Digital Experiment in Museology and Museum Design».

Assumimos desde logo o desiderato de combater a estereotipia de Género cujo dia 11 de Fevereiro assinalámos com o lema: «Science has no Gender» com o qual nos identificamos. A Presidente da EPWS – European Platform For Women in Science assinalou o seguinte gesto que vos convidamos a seguir como um exemplo de que é possível fazer passar a mensagem [Booking.com divide cinque interessanti musei della scienza per celebrare la Giornata internazionale delle donne e delle ragazze nella scienza](#)

Do conteúdo do número especial adiante se pronunciam as organizadoras; porém, é com muito gosto que notamos um respeito pela igualdade representada na composição de autoria das articulistas e dos articulistas para além, naturalmente, da qualidade dos textos cuja leitura acreditamos trará novas questões de pesquisa e múltiplas possibilidades de investigação. Vários são os universos geográficos e temáticos alcançados dando a conhecer o quanto o futuro promete quando os horizontes se cruzam e se partilha/m conhecimento/s.

A presença das mulheres nas áreas tecnológicas e digitais tem vindo a ser equacionada e a vertente humanidade digitais tem, em nosso entender, possibilitado a sua entrada, amplificado a sua integração de modo sistemático e sustentado. Saliento aqui o grupo DARIAH- WWIH Women Writers in History [Women Writers in History | DARIAH](#) e a recente integração da WWR – Women Writers Route como Cultural Route do Conselho da Europa. [Women Writers Route Receives Certificate of the Cultural Route of the Council of Europe in Chania, Crete - Women writers route](#) com as quais temos trabalhado mais de perto. Também a articulação nas redes COST tem assumido papel determinante para a possibilidade de atenuar a distância entre investigadores criando sinergias doutro modo inviabilizadas. A título de exemplo a CA18204 – Dynamics of Placemaking que também aqui nos une [Action CA18204 - COST](#).

Desde há longa data sabemos terem sido as mulheres as vencidas da História, mas é justamente por isso que nos batemos, revelando a real dimensão das suas áreas de intervenção – desde sempre até aos nossos dias. Congratulamo-nos, é certo, com várias e recentes publicações que reúnem documentadas biografias de figuras que foram sistematica e injustamente arredadas pela crítica das diversas áreas em que foram activas e a título de exemplo lembramos a obra organizada por Maria João Neto e Santiago Macias, *Mulheres Mecenas & as Artes* (Caleidoscópico Dez. 2022) na qual referem:

*«Os estudos incluídos neste livro revelam o papel que as mulheres têm tido na formação do gosto, no colecionismo artístico e na proteção às Artes e Letras desde a Antiguidade.»*

*A História das Mulheres e de Género só nos últimos anos ganhou espaço próprio. [...] Também no domínio da arte a mulher deixou de ser vista apenas como a musa inspiradora de artistas, passando ela própria a ser avaliada enquanto criadora da obra de arte, doadora e mecenas.»*

Disso mesmo deu conta a exposição que teve lugar na FCG, com curadoria de Helena de Freitas e Bruno Marchant, em 2021, «*All I Want – Portuguese women artists from 1900-2020*» com itinerância durante a Temporada Cruzada Portugal-França em Junho 2022 e cujo catálogo, com tradução em várias línguas, serve de modelo. Graça Fonseca, então Ministra da Cultura refere:

*«É uma exposição que fala para fora, mas também para dentro, uma vez que regressa a Portugal. É fundamental que estes percursos criativos sejam também por nós conhecidos e que as conquistas contemporâneas perdurem. P legado destas mulheres promove novas inspirações e novos percursos, permitindo que os jovens artistas de hoje e de amanhã, mulheres ou homens, nunca deixem de se inspirar no seu exemplo. Esta será, no futuro, a medida da nossa conquista, porque, mais que recordadas, as conquistas devem ser permanentemente renovadas e vividas.» (p.10)*

No dia 8 é apresentado ao público, em Alcobaça, o livro de Actas que reúne textos dos Colóquios organizados no âmbito da Temporada Cruzada Portugal-França (Leiria e Alcobaça) com o título *Francesas em Portugal: Itinerários Múltiplos* permitindo dar palco a um leque considerável de mulheres que se destacaram nas diversas áreas que elegeram como instrumento para a manifestação das suas vocações. O reverso teve lugar em Outubro, em Paris dando conta de artistas e intelectuais portuguesas em França. Já se perfilam novas iniciativas na sequência iniciada com *Virgínia Victorino na Cena do Tempo* e que a seu tempo anunciaremos, na certeza de que o caminho que conduziu as mulheres à invisibilidade é passível de ser revertido. Dar a conhecer/reconhecer vidas e obras que foram silenciadas e soterradas será o movimento urgente e já iniciado do qual não abriremos mão.

Na esteira do trabalho *Artistas Plásticas em Portugal*, organizado em 2020, por Sandra Leandro, no qual foram 12 os estudos de caso apresentados, continuam a fazer sentido as palavras aí inscritas:

*«Constituindo-se como mais uma etapa na difusão do conhecimento, espera-se que os conteúdos sejam assimilados por uma História da Arte que integre, sem distinções e com maior justiça, todos os géneros. Vê-se com muito agrado algumas colecções incluírem peças de mulheres artistas com maior frequência, ou mais exposições a serem realizadas, mas há ainda muito por fazer.» (p. 9)*

“*Museus e Investigação*” dá título ao número 8 da Revista de História da Arte do IHA (org. Raquel Henriques da Silva); publicado em 2011 contém um leque muito interessante de artigos dedicado ao tema no qual podemos ler:

*«Os museus detêm uma relação determinante com a História da Arte. No entanto, frequentemente, eles são omitidos nas narrativas disciplinares como se ver uma obra em reserva ou em exposição, em boas ou más condições, fosse indiferente para a sua fruição, compreensão e contextualização. Pelo contrário, a nossa posição é bem diversa:*

*dar a a ver os museus e as exposições, e estudá-los na diversidade das suas vertentes é condição indispensável ao desenvolvimento da História da Arte»*

O trecho citado serve de transição para o editorial que, mais de uma década passada, às organizadoras convidadas pertence uma vez articulado com a nova definição de Museu oferecida pelo ICOM no ano transacto:

*“A museum is a not-for-profit, permanent institution in the service of society that researches, collects, conserves, interprets and exhibits tangible and intangible heritage. Open to the public, accessible and inclusive, museums foster diversity and sustainability. They operate and communicate ethically, professionally and with the participation of communities, offering varied experiences for education, enjoyment, reflection and knowledge sharing.”*

**Isabel Lousada**

*Ladies, the floor is Yours...*

## PERSPETIVAS DAS EDITORAS-CONVIDADAS:

**G**ostaríamos de começar por expressar a nossa gratidão aos autores, editores e revisores pela colaboração nesta edição especial da revista **Herança - Revista de História, Património e Cultura**. Tem sido uma grande oportunidade para conversas criativas, especulativas e críticas sobre a mudança de perspetivas em museus, património, e tecnologias digitais. Como colegas que trabalham em áreas relacionadas de investigação e ensino, temos sido capazes de explorar intersecções emergentes entre os meios digitais e as práticas curatoriais nos museus, e de destacar uma mudança de paradigma em museologia sobre as quais queremos ouvir mais em ambientes académicos e trazer para as nossas salas de aula. Dito isto, como editoras, estamos muito conscientes de possíveis limitações na nossa conceptualização de abordagens experimentais à preservação, exibição e divulgação do património cultural através do design museológico. Reconhecendo o nosso ponto de vista, estabelecemos um contexto para a comunicação com futuros autores e encorajamos uma série de submissões de um grupo diversificado de académicos e profissionais de várias culturas, línguas e disciplinas. Isto, esperamos, tem sido uma forma eficaz de assinalar o nosso interesse em aprender com os contribuidores sobre como problematizam as rotinas, práticas e teorias estabelecidas utilizadas para definir o património e como posicionam a experiência digital como uma fonte de conhecimento e hipóteses de futuro que desafiam a autoridade curatorial de que os museus se baseiam.

Ao trabalharmos com os contribuidores, enfatizámos que queríamos iniciar conversações sobre como enquadram as suas ideias sobre o papel e extensão da experimentação digital com espaços museológicos, coleções e design, e como essas ideias informam o seu trabalho e investigação, em vez de proporem soluções como algo finito e fixo. Encorajámos os contribuidores a adotar uma abordagem crítica à conceptualização do potencial dos meios e tecnologias digitais para facilitar intervenções na interpretação dos objetos e das atribuições institucionais. Pedimos aos contribuidores que considerassem de que forma as interações digitais e analógicas afetam o seu entendimento dos fundamentos tecnológicos da conceção, gestão e representação das coleções dos museus. Queríamos também que os autores

discutissem o seu trabalho utilizando métodos experimentais para integrar as tecnologias digitais nas suas práticas e teoria curatorial. E levámo-los a fundamentar a sua avaliação e análise da tecnologia e experimentação nas suas experiências práticas de criação, preservação, e difusão da cultura e do património. A abertura de conversas sobre o que significa experimentar meios e tecnologias digitais em relação a coleções de museus, as suas estratégias curatoriais, e iniciativas de divulgação comunitária criou um âmbito bastante amplo para os autores se envolverem com o conceito de museologia experimental. Especialmente porque estamos lentamente a reorientar narrativas sobre o propósito das instituições de património cultural num mundo pós-pandémico, uma das coisas excitantes sobre estes encontros é que eles mudam tão ligeiramente ou abanam o seu ponto de vista.

É fácil imaginar a curadoria como um processo a decorrer no mundo análogo - galerias, leiloeiros e museus investiram a maior parte das suas histórias no estabelecimento, manutenção, interpretação e exibição de coleções de objetos físicos. As histórias de intervenções curatoriais e inovações com coleções físicas podem oferecer muitas perspetivas interessantes sobre os fundamentos ideológicos e tecnológicos das experiências das instituições culturais.

Nesta edição especial, propusemos duas estratégias para enquadrar análises críticas de experimentação digital para e nos museus. A primeira estratégia enfatiza teorias que podemos utilizar para criticar o significado do património e a autoridade das instituições do património cultural. Como editoras sediadas na Europa, estamos muito atentas aos contextos históricos e culturais que informam as teorias e críticas comuns nos museus e estudos curatoriais. A segunda estratégia incentiva a utilização de estudos de caso para refletir sobre a possível flexibilidade ou maleabilidade dos espaços museológicos e a sua conceção para a criação participativa e de base e divulgação do conhecimento.

Discutir como os meios e tecnologias digitais podem melhorar o acesso não foi, de forma alguma, uma narrativa padrão nesta edição especial. As questões colocadas pelos autores incluem: de que forma os meios e tecnologias digitais podem alterar noções e narrativas de património baseadas em objetos; de que forma os curadores podem trazer objetos distantes, invulgares e problemáticos e visões específicas da cultura para as coleções dos museus; que parcerias dentro e fora dos museus podem aumentar as coleções dos museus; de que forma os meios e tecnologias digitais podem redefinir objetos e espaços dos museus para criar um sentido de pertença e envolvimento para diversos públicos demográficos; que novas narrativas, incluindo oportunidades de descolonização, e novas formas estéticas podem emergir de espaços reconfigurados dos museus.

Nesta coleção, os autores concentram-se na inovação no design e museologia de museus através da construção de arquivos digitais, bases de dados, plataformas, infraestruturas para o alcance e *crowdsourcing* da comunidade, e intervenções de base, conceptualizadas como espaços colaborativos, educativos e distribuídos para a criação de significados e de conhecimento. Preveem tais espaços como laboratórios e redes interdisciplinares. Discutem casos que apresentam uma vasta gama de 'objetos' museológicos, incluindo jogos de vídeo que duplicam como ferramentas para atividades de divulgação e como exposições; património arquitetónico como caravanserais; obras de arte e processos criativos subjacentes. Perspetivas críticas sobre financiamento, estratégias de coleção, e práticas curatoriais emergiram ao interrogarem as aplicações de tecnologias imersivas, tais como Realidade Virtual e Realidade Aumentada, para desarquivar as práticas tradicionais de design e curadoria através da promoção de uma ampla participação da comunidade (tais como grupos focais, colaboração participativa, ou *crowdsourcing*) e discussões expansivas sobre cultura, identidade e história.

Três temas sobre a integração dos meios e tecnologias digitais na representação e gestão curatorial são abordados nos artigos desta edição. A curadoria é, antes de mais, uma seleção de artigos para uma coleção. Neste contexto, a curadoria é um processo ativo de avaliação - um curador examina objetos através deste reconhecimento para determinar a sua condição e

singularidade. Os autores descrevem uma variedade de abordagens experimentais à curadoria, que procuram aproveitar as tecnologias para melhor refletir as possibilidades dos museus como espaços distribuídos e em rede. Também nos incitam a considerar a curadoria como um processo de interpretação que afeta o valor e significado de um objeto. A curadoria como ato de interpretação pode, como os autores nesta edição demonstram, sustentar a forma como as narrativas são construídas em torno dos objetos do museu. Nesta perspectiva, alguns autores consideram curadoria a partir de uma terceira perspectiva, como uma máquina semiótica que reproduz ou perpetua sistemas de criação de sentidos e conhecimentos que são historicamente contingentes e culturalmente situados.

Alguns curadores, estudiosos e ativistas abordam legados curatoriais e os seus fundamentos ideológicos. Eles elucidam como, em cada caso do seu projeto específico, as coleções digitais ou digitalizadas foram tornadas acessíveis, visíveis, descobertas e educativas. Destacam o potencial da tecnologia para ajudar tanto os profissionais dos museus como os visitantes a reconceptualizarem o que pertence às coleções. Joanna Rivera-Carlisle antecipa os aspetos conflituosos das narrativas espaciais que se desdobram em museus cuja paisagem é complexa para navegar em termos físicos e ideológicos. Por um lado, a integração de tecnologias imersivas na conceção de experiências museológicas está a criar formas de desafiar a autoridade curatorial; por outro lado, perpetuam as estruturas e hierarquias de poder eurocêntricas em que os museus no Reino Unido se baseiam. Com referência a *Visita Histórica Não Filtrada (Unfiltered History Tour)*, o autor faz uma crítica de como as tecnologias digitais perpetuam as limitações inerentes às estruturas físicas e conceptuais do espaço museológico, que é ecoado noutra artigo que discute os sucessos e deficiências do *Kitambo Digital (Digital Kitambo)*.

Kristina Dziedzic Wright, David K. Wright, Nicholas Wiltshire, e Jenna Lavin avaliam o projeto de Kitambo Digital à luz dos seus objetivos de transformar coleções arqueológicas físicas e paleontológicas numa base de dados digital espacialmente integrada. Utilizam o termo swahili 'kitambo' para elucidar as mudanças nas narrativas sobre a história do Quénia à medida que a coleção física se move em linha. Os autores enfatizam a importância da descolonização da história através do processo de desarquivamento das estratégias curatoriais em que a coleção física se baseia, através do envolvimento das comunidades locais na conceção de uma exposição digital.

Enquanto se desenvolvem conversas e análises sobre a seleção e adesão de objetos a coleções, aprendemos também sobre diferentes abordagens à utilização de bens digitais que não se enquadram nas definições gerais das coleções dos museus. Gulce Kirdar, Feyzanur Kocer Ozgun, Özgün Balaban, e Guzden Varinlioglu, por exemplo, refletem sobre o seu trabalho em arqueologia digital para mapear o património perdido de caravanas, antigas estalagens à beira da estrada que costumavam fornecer comida, abrigo e oportunidades comerciais para os viajantes. A equipa delinea a sua metodologia de arquivo digital interativo como uma forma de trabalho e design distribuído. O seu artigo apresenta uma combinação de rica investigação etnográfica com a construção de recursos digitais abertos para uma curadoria prolongada e a reordenação dos seus bens.

Ana Beatriz Bahia trata dos objetos que entraram no espaço de um museu para além da sua coleção: ela traça a evolução dos jogos digitais, desde servir como instrumentos para fomentar o envolvimento do público com a coleção física de um museu até se tornarem eles próprios expositores. As formas como o departamento de educação Nubla aumenta a coleção de arte do Museu Thyssen, Madrid, está no centro das atenções no seu artigo. A autora discute a missão do museu de expor a sua coleção a um público mais vasto através de jogos digitais e investigação exploratória no cruzamento da arte, museologia, jogos e comunicação. Estes casos encorajam tanto os estudiosos como os utilizadores a experimentar a interpretação do que pode pertencer aos espaços museológicos tratados como uma noção expansiva.

As questões sobre o que podemos fazer para além de contemplar as coleções dos museus passam também por esta edição especial. Dois dos artigos focam a forma como os espaços museológicos são reconfigurados para colmatar a lacuna entre laboratório e exposição. Jonathan Feldman explora o papel ativo que o Museo de Arte Contemporâneo, Buenos Aires, desempenha na formação de novas formas de produção estética e colaboração. O museu construiu a conduta que liga um laboratório a outros espaços e formas tais como oficinas, conferências e exposições para que os artistas experimentem e difundam a sua experimentação - como objetos e processos resultantes que sustentam a realização desses objectos.

Na sua discussão de outro projeto rico em etnografia, Stefania Zardini Lacedelli, Fabiana Fazzi, Chiara Zanetti e Giacomo Pompanin argumentam que a curadoria digital é uma das áreas mais experimentais em museologia. As suas pesquisas sobre as Dolomitas no projecto *Spatial* enfatizam o papel que comunidades de diversas origens desempenharam na criação de um arquivo participativo dinâmico, que as ajudou a desafiar as noções gerais de curadoria e a reenquadrar os seus objetivos museológicos à luz da mudança da exposição para o laboratório.

À guisa de conclusão, gostaríamos de refletir sobre a nossa experiência como editoras que trabalham em várias línguas e culturas. A edição de um número multilingue e multicultural tem sido uma experiência gratificante que nos tem exposto a um leque excitante de respostas às nossas perspetivas e objetivos editoriais. Propomo-nos a visitar a noção emergente de museologia experimental de diferentes perspetivas globais e culturais, e temos o prazer de partilhar uma coleção de materiais escritos por autores do Reino Unido, Europa, África, Américas e Australásia. As submissões foram feitas em inglês e português, e facilitámos a tradução de artigos para encorajar um processo editorial colaborativo e interativo baseado no intercâmbio de ideias críticas e criativas. Esperamos que estes artigos, como expressões de pontos de vista e ideias fundamentadas na prática dos seus autores, suscitem mais conversas e exploração da museologia na intersecção do património, cultura, história, indústria e experimentação digital para além do âmbito desta edição especial.

**Gabriele Salciute Civiliene and Kristen Schuster**